

VISÃO DO CORREIO

A antidemocracia nas redes sociais

A suspensão do X (antigo Twitter) no Brasil, por decisão do ministro Alexandre de Moraes, do Supremo Tribunal Federal (STF), repercutiu em todo o mundo. Se o embate entre a Corte e o empresário Elon Musk coloca em evidência uma inevitável discussão política, com enorme viés partidário, também deve servir como alerta para a falta de transparência das chamadas big techs, as gigantes da tecnologia, que aumenta a cada período eleitoral.

Em tempos nos quais as campanhas dos candidatos às prefeituras e câmaras municipais se voltam pesadamente para as redes sociais, o monitoramento das estratégias dos comitês eleitorais nesses espaços digitais tem sido praticamente impossível — ou, no mínimo, exige algum trabalho braçal incompatível com a rotina de redações jornalísticas e de pesquisadores. Em março, a Meta anunciou o fim da ferramenta CrowdTangle, que permitia acesso da população aos conteúdos em alta no Instagram e no Facebook, ambos administrados pela empresa de Mark Zuckerberg. Esse acesso, no entanto, sempre dependeu de linguagens de programação.

A ferramenta oferecia uma API, espécie de interface que permitia a coleta de dados em massa. Assim, era possível comparar mais facilmente o comportamento de determinados perfis no Instagram e no Facebook e entender, por exemplo, se um candidato se comporta nas redes da mesma maneira que sugere seu plano de governo. O serviço também cumpria boa parte da base de pesquisa de cientistas da comunicação e de áreas da tecnologia.

Hoje, o acesso a esses dados ainda pode ser feito, mas a lista de profissionais com permissão não inclui jornalistas — o que compromete uma das principais prerrogativas da área: a fiscalização do poder público. Ainda

assim, aqueles que podem recorrer ao serviço precisam passar por um processo burocrático e demorado, que exige até mesmo documentações protocoladas nos Estados Unidos.

A decisão de restrição aos dados caminha de mãos dadas com a de Elon Musk, que manteve a recusa de nomeação de um representante legal do escritório do X no Brasil. Isso sem contar o desrespeito às decisões judiciais que obrigam o bloqueio de contas que espalham informações falsas, discursos extremistas e antidemocracia no microblog. O momento atual deixa claro que, em nome do aumento de usuários e do tráfego sem qualquer limitação, evidentemente para faturar mais com diferentes frentes, sobretudo a publicidade, redes sociais se colocam acima do bem e do mal, inclusive das leis de cada país.

A postura de Musk, após o bloqueio assinado por Moraes, é emblemática nesse sentido. O empresário classifica o ministro como “violador de juramentos”, quando o próprio bilionário não respeita as leis do país em que sua empresa opera. Também afirma que as ações do ministro “são contra a vontade do povo brasileiro”, quando, na realidade, o dever do STF é defender a Constituição, independentemente da vontade popular.

A urgência por maior transparência das redes nada tem a ver com uma eventual censura dos conteúdos publicados nelas. Muito pelo contrário. A permissão do acesso a esses dados por jornalistas, pesquisadores e outros profissionais complementa o papel vigilante da democracia brasileira. O que precisa ser entendido é que o combate à desinformação e às notícias fraudulentas não pode ser feito só por parte da imprensa profissional. Esse dever também cabe às plataformas. O principal passo em direção ao resguardo da democracia só pode ser dado a partir da transparência.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Descaso

Conheço o seu Paschoal há mais de dois anos. É um senhor idoso, de 74 anos, que fica na pista de ingresso do Carrefour da Epia Sul com seu chapéu velho e muito usado em uma das mãos, estendida, esperando que alguém deposite ali uma moeda ou uma nota — geralmente de R\$ 2 — para sobreviver. Semanalmente, vou ao supermercado fazer compras e, invariavelmente, quando regresso, estaciono junto a seu Paschoal, para um dedo de conversa, quando aproveito e lhe entrego ou uma garrafa de água ou um sanduíche para o almoço. De quebra, coloco no velho chapéu alguma moeda ou nota de real. Conversamos sempre. Em 17 de agosto, um sábado, ele contou que estava tendo “surto” de tontura e que iria, na semana seguinte, ao hospital. Em 31 de agosto, também sábado, perguntei-lhe sobre o assunto e a resposta: “Fui ao pronto-socorro do Hran, na Asa Norte, na quarta-feira (28 de agosto) e não tinha médicos para atender. Eram mais de 50 pessoas esperando atendimento, e não apareceu nenhum médico. A maioria era de idosos. Um paciente chegou a desmaiar. Eu fiquei das 11 horas até as 17 horas e, então, fui embora sem ter sido atendido”. “Mas seu Paschoal, ninguém protestou?”, perguntei. “Sim, doutor, mas não adiantou nada...”.

» Flávio Salles
Park Way

Boate Kiss

A decisão do ministro Dias Toffoli, do STF, de mandar prender imediatamente os réus do caso da boate Kiss foi correta. Porém, acho que autoridades do poder público local que permitiram o funcionamento de uma boate sem saída de emergência deveriam também ser responsabilizadas. Se tivesse saída de emergência obedecendo às normas técnicas, a evacuação das pessoas seria lograda de êxito.

» João Fernandes
Teresina

Transformação

Tenho 82 anos, sendo 10 de aposentado, e, até hoje, com alegria e saudade das brincadeiras e

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Umidade em 7% e o DF legal funcionando. Você pode estar vendo uma miragem.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

A medalha paralímpica coroa tudo o que Gabriel Araújo vivencia: superação, alegria, competência. É um belo exemplo, para nós, diante da vida e no dia a dia. Garoto de ouro!

José Ribamar Pinheiro Filho — Asa Norte

Os atletas paralímpicos estão dando um show em Paris. A cada dia, conquistam mais medalhas. Se este país apostasse, verdadeiramente, nos jovens, o Brasil seria outro.

Antônia Vieira — Asa Sul

O Brasil só é o quarto maior produtos de bananas do mundo. Mas não tem uma Justiça banana. Será que STF terá que desenhar para o Elon Musk entender que aqui não é casa dele?

Joaquim Honório — Asa Sul

Pelo visto, o mercado ganha mais quando a economia está ruim. A economia melhora, eles dão um jeito de deixar ruim...

Gislaine Perpétua Roberto — Brasília

pegadinhas na empresa, as quais, às vezes, envolviam até os patrões. Melhorava o astral e, principalmente, aproximava os colegas de trabalho. Uma inesquecível foi convencer um ex-funcionário carrancudo, fechado, de poucos amigos, a aparecer na empresa dizendo que estava voltando para o trabalho. Foi engraçadíssimo observar a cara da maioria dos funcionários. Fez, inclusive, com que esse antigo funcionário risse e se tornasse, magicamente, por alguns minutos, simpático.

» Laurindo Bonilha
Brasília

X da questão

O sujeito bilionário, cresceu acreditando que podia tudo e que não houvesse um país sequer que pudesse parar sua arrogância no planeta. Hipócrita e covarde, nunca se meteu com a China ou a Rússia, pensou que poderia passar por cima da lei e da Constituição Federal do Brasil, país ao qual ele desrespeita. Provavelmente, foi incentivado por alguns chapéiros de hambúrguer, alguns políticos de extrema-direita e por seguidores do obtuso Olavo. Ele se deu mal. Sua rede social foi tirada do ar pelo ministro do Supremo Tribunal Federal (STF), e a decisão homologada pelo plenário da Corte. Basta de sermos subservientes a americanos ou a qualquer outra raça. As leis têm de ser cumpridas por todos. É Fato!

» Rafael Moia Filho
Bauru (SP)

Violência

Atuando em obra social desde 1963, lidando com crianças, adolescentes e familiares, tenho deparado com dolorosas situações de violência física e, em especial, com o crime silencioso, a violência psicológica. As vítimas, por estarem sempre diminuídas, humilhadas e torturadas psicologicamente, ficam com a autoestima baixa e não reagem. Assim como em famílias de doentes alcoólicos, problema que não escolhe classe social, acontece com vítimas em família de alto nível. Parabeno aos editores do **Correio Braziliense** pela chamada de capa para a reportagem *As faces de um crime silencioso*, de Mila Ferreira (edição de 2 de setembro).

» Natanry Osório
Lago Sul



PALOMA OLIVETO
paloma.oliveto@cbpress.com.br

As doenças azuis

Quando éramos crianças, minhas irmãs e eu vivíamos intrigadas com manchas azuis que surgiam na “pele” de borracha das nossas Susies e Barbies. Nem os Falcons, os maridos das bonecas — ainda não existiam Kens no Brasil — escapavam. Com toda a autoridade conferida pelo posto de mais velha, Karla, então, diagnosticou: “É a doença azul”. Aceitamos, embora continuássemos sem saber o que era a enfermidade.

Naquela época, os primeiros anos da década de 1980, uma doença que também deixava manchas na pele intrigava o mundo. Era a Aids. Nós, crianças, acompanhávamos as notícias na televisão, que geralmente vinham sem filtro. Um dia, apareceu a imagem de um jovem com o corpo muito magro, coberto de hematomas. O rosto era uma caveira descarnada. Os olhos tristes saltavam das órbitas. Aquela doença azul estava chacinando homens e ninguém sabia o que fazer.

Falava-se em um mal de “depravados”. “Peste-gay já apavora São Paulo”, anunciou o Notícias Populares. “Povo de Sidney caça os gays por temor ao (sic) Aids”, noticiou *ODia*. Já *O Globo*, em uma matéria sobre o posicionamento do governo, alertou: “Saúde não se definiu sobre o câncer gay”. Na inocência infantil, chegamos a pensar se a doença azul não era, na verdade, a Aids. Mas nossas bonecas não eram homens. Nem gays.

Mais de 40 anos e uma pandemia de covid depois, fomos apresentados à mpox. Na verdade, desde a década de 1950 a doença é conhecida, mas nós, das Américas, nunca tínhamos ouvido falar. Nem os europeus ou os asiáticos. Como toda enfermidade endêmica da África, foi esquecida, ignorada, negligenciada. E só virou notícia quando, em 2022, um morador de Londres tornou-se o primeiro caso da enfermidade fora do continente africano.

Ainda sob a sombra do coronavírus, o mundo teve um reviver do pesadelo de 2020. Aprendemos que as principais vítimas, embora não únicas, eram homens que fazem sexo com homens. Rapidamente, foram tomadas medidas de prevenção — diferentemente da covid, já havia uma vacina, a mesma da erradicada varíola — e de contenção. A emergência global, decretada pela OMS, foi suspensa menos de um ano depois.

Não passou de um susto, pensamos, e viramos as costas, novamente, ao continente africano, onde o vírus mpox continuou fazendo o que esse tipo de microrganismo faz de melhor: adquirindo mutações. No surto da variante 1b, atualmente restrito a 16 países da África (além de um caso na Suíça e outro na Tailândia), uma das características é que as principais vítimas são crianças. Entre elas, a letalidade é cinco vezes maior do que o esperado.

Em entrevista ao *Correio*, o doutor em medicina tropical e professor de Saúde Pública da Fiocruz Amazônia Vanderson Sampaio foi questionado se a mpox seria a nova covid. “Não, mas posso compará-la com a epidemia de HIV”. O especialista lembrou que, assim como a Aids, a doença tem origem na África, foi associada a um tipo de comportamento sexual e estigmatizada. “Ali nasceu a negligência, e deu no que deu”, disse, sobre o HIV.

Em 2024, não há motivos para acreditar que uma doença infecciosa não seja “problema nosso”, não importa o local em que surgiu e o perfil do paciente. A Aids, por exemplo, apesar do tratamento bem-sucedido, matou 630 mil pessoas no ano passado, incluindo crianças, adultos, idosos, homens e mulheres. De todas as nacionalidades e orientações sexuais.

Ao contrário da doença azul dos meus bonecos, que até hoje continua um mistério, há conhecimento suficiente no mundo para evitar que a mpox e outras doenças infecciosas sejam a “nova Aids”. Negligenciá-las não é opção.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA		
Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00
Assine (61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp		
* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)99158.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.		
Anúncio Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp		

ASSINATURAS *
SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES
(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131



DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br